

H6
6662⁵

5.

ORACAM
FVNEBRE

NAS EXEQUIAS ANNUAES
do Serenissimo Rey de Portugal

DOM MANOEL
de gloriosa memoria.

D I S S E - A

*NA SANTA CASA DA MISERICORDIA
desta Cidade de Lisboa em 13. de Dezembro
de 1655.*

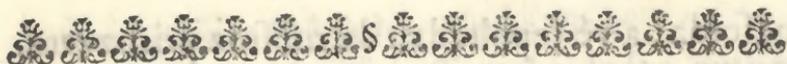
O P. M. Fr. CHRISTOVAM DE ALMEYDA,
Religioso dos Eremitas de S. Agostinho, Doutor na sagrada
Theologia, Prégador de S. Magestade, Qualificador do Santo
Officio, Examinador das Ordens Militares, e Lente de
Prima de Theologia na Collegio de Santo Antaõ
o Velho desta Cidade de Lisboa.



L I S B O A.

Com todas as licenças necessarias.

Na Officina de Antonio Craesbeeck de Mello Impressor de
SUA ALTEZA. Anno 1665.



AVE MARIA.

Non moriar, sed vivam, & narrabo opera Domini.

Ex Psal. 117.



Todos os dias amanhecem para o defengano : he este mundo, que vemos, hum livro da nossa doutrina, donde as regras saõ as horas, e as folhas os successos : cada hora que passa he hum defengano da nossa vaidade, cada successo, que acontece, he hum despertador da nossa cegueyra : naõ ha instante, naõ ha caso, que nos naõ esteja gritando mudamente, que he a nossa vida hum vento, que saõ as nossas esperanças hum engano.

Nasce o Sol Principe dos astros, e morre no mesmo dia, em que nasce ; hum mesmo dia o vé minino no Oriente, o vé gigante no Zenit, e o vé morto no Occaso. Cresce a Lua symbolo da soberba, mas de tal maneyra cresce, que aos mesmos olhos, a que servio no crescente de admiração, serve no minguante de lastima. Abre a rosa Rainha das flores, vestida de galas, e defendida de espinhos, e o mesmo dia, que a vé

nascida , a vé sepultada : da mesma primavera, de que córta as purpuras, córta tambem as mortalhas.

Eis-ahi o que he no mundo o mais excellente , eis-ahi o que he no mundo o mais soberano. Nem valles , nem montes vivem no mundo seguros, porque se para os valles ha inundaçoens , para os montes ha rayos. Que lhe emporta aos montes subir taó alto , se a mayor eminencia vem a ser o mayor perigo ? De que lhe serve aos valles profundarem-se tanto , se na sua profundidade encontraõ com a sua ruina ?

Oh montes ! Oh valles da terra ! O que emporta he estar álerca , que contra a tyrannia da morte nem o subir, nem o descer emporta. Isto nos está dizendo, isto nos está ensinando tudo o que apalpamos com as mãos , tudo o que vemos com os olhos neste livro grande do mundo , se a nossa cegueyra não convertéra em meyo da nossa perdição, o que fez a providencia para motivo de nosso desengano. Esta he a lição de cada dia , mas no dia de hoje he ainda mais efficaz a lição , porque he mais efficaz o Prégador. Eu não sou hoje oque aqui prégo, quem hoje nos préga aqui he essa pompa triste, e esse apparatus funesto ; e se este he hoje o Prégador,

gador , efficaz Prégador temos hoje.

Para o Prégador ser efficaz ha de ser authorizado , e ha de ser eloquente : e que cousa ha mais authorizada , que a magestade daquelle tumulo ? Que cousa ha mais eloquente , que as linguas daquelle fogo ? Naõ ha taõ grande concerto na Rhetorica , como o concerto , com que elles pannos nos falaõ : naõ ha taõ grande efficacia de razoens , como a efficacia , com que essas luzes nos desenganaõ. Ouçamos logo ao nosso Prégador , que em breves discursos nos ha de dizer as mais emportantes verdades.

As palavras , que o nosso Prégador hoje toma por thema , saõ do melhor Rey de Israel , que foy David , repetidas mudamente pelo melhor Rey de Portugal , que foy o Serenissimo Rey D. Manoel , a cujas gloriosas memorias dedica esta santa Casa todos os annos neste dia o triste , e o piedoso desta acçaõ , e com grande fundamento ; porque como entre todos os templos , sendo tantos , que fundou a grandeza deste Principe , foy esta santa Casa a mais favorecida , justo he que seja tambem a mais saudosa. Quando o amor he fino , e a saudade verdadeira , nem o amor se acaba com o tempo , nem a saudade se diminue com os annos.

Muytos.

Jerem,
c. 31. n.
15.

Muytos seculos depois que a Raquel lhe morrêraõ seus filhos, disse Jeremias, que se ouviraõ na terra as saudades de Raquel: *Ecce vox in excelsis audita est lamentationis, & fletus Rachel plorantis filios suos.* Pois ainda chora Raquel depois de hum curso de annos taõ largos, depois de hum silencio de seculos taõ compridos? Sim, que isto he amar, e sentir como Raquel: a dor que o tempo não remedeia, não se diminue com o tempo: correm as horas, mas paraõ as saudades: acabaõ os dias, mas não acabaõ as mágoas: passaõ os annos, mas ficaõ os sentimentos. Era a dor de Raquel grande, porque era o seu amor excessivo; que muyto logo, que nem se cure com o curso dos tempos, nem se emudeça com o silencio dos annos: *Ecce vox in excelsis audita est Rachel plorantis.* De todos os templos, que fundou o nosso Principe Serenissimo, só a esta santa Casa póde chamar a sua Raquel, pois que depois de tantos seculos passados se vem ainda hoje nella os olhos chorosos, e os sentimentos taõ vivos: *Rachel plorantis.*

Mas não gastemos o tempo no que nos mostra a experiencia, ouçamos o que nos diz o nosso Rey, ou o que nos diz por elle aquella eça taõ triste como eloquente. Promete-nos

per-

persistencias na vida , e perpetuidades na dura-
 ção : *Non moriar, sed vivam.* Breves palavras, mas
 difficultosas! Como o mundo seja hum theatro
 adonde cada hũ de nòs sahe a representar a sua
 figura , que assim o disse S. Paulo : *Præterit enim* D. Paul.
ad Cor.
1. c. 7. n.
31.
figura hujus mundi , acabada a representação , he
 força que deixemos o theatro. Esta he a condi-
 ção, com que nascemos, este o voto, que profes-
 samos : *Statutum est omnibus hominibus semel mori.* D. Paul.
ad Hebr.
c. 9. n.
27.
 Ley he esta gèral para todos os mortaes , mas
 ainda mais apertada para os Reys. He a nossa
 vida hum cometa , que não tem mais que res-
 plandecer, e passar; mas nas Magestades he ain-
 da menos que cometa , porque apenas resplan-
 dece quando acaba. Antigamente lhe davaõ aos
 Reys huma unção quando lhe punhaõ a coroa.
 Pois logo unguido quando Rey ? Logo; porque
 tão depressa parece que caminha para a morte
 hum Rey, como caminha hum unguido: o thro-
 no he o mais breve caminho para o sepulchro.
 Pois se a vida dos Reys he ordinariamente tão
 breve, como nos diz o nosso Rey que nem aca-
 bou, nem ha de acabar a sua vida : *Non moriar?*
 Como nos diz que está vivo quando nós o chõ-
 ramos morto ? Oh que proposição tão verdadei-
 ra ! Oh que verdade tão infallivel !

Os dias da nossa vida são hum engano da nossa imaginação : imaginamos que são nossos os dias, em que cá vivemos , sendo que só os dias, em que cá vivemos não são nossos dias : nova Filosofia, mas certa ; he tão certa esta Filosofia, he tão infallivel a verdade desta proposição, que tem por si não menos que a authoridade do mesmo Christo. Falou hum hora Christo com os Judeos , e depois de largas contendas concluiu com estas escuras palavras :

Joan. c. *Abraham pater vester exultavit ut videret diem*
8. n. 47. *meum : vidit, & gavisus est.* Vosso pay Abrahão

(diz o Senhor) alegrouse muito quando vio o meu dia. Se perguntarmos aos Expositores deste Euangelho, que dia era este de Christo, com que se alegrou Abrahão , respondem muitos , que era o dia da sua Cruz, que era o dia da sua morte.

Ita
Chry-
sost.
Leoni.
Theo-
philat.
& alij.

Na verdade que se as palavras sem exposição eraõ difficultosas , que mais difficultosas parece que ficaõ agora com a exposição. Ao dia de sua morte chama Christo dia seu : *Diem meum*. Se o Senhor chamára seu dia ao dia de seu Nascimento, não havia que duvidar, porque sobre ser o dia, em que o Ceo obrou os mayores prodigios na terra, foy o dia, em que Christo deo os primeiros

meiros passos na vida ; mas que chame dia seu ao dia, em que dei a o mundo , que ao dia de sua morte chame seu dia ! Assim havia de ser : na Filosofia do mundo , que mede a nossa vida pelo seu engano, só são nossos os dias, em que vivemos ao tempo ; mas na Filosofia de Christo, que mede a nossa vida pelo seu conhecimento , só os dias da nossa morte, em que começamos a viver á eternidade , são verdadeiramente os nossos dias : *Diem meum*. Em quanto vivemos ao tempo , nem temos tempo , nem temos vida : tanto que vivemos á eternidade , logo a vida he vida , logo o tempo he tempo.

Desta verdade taõ certa se infere ainda outra consequencia mais estranha ; e he, que no mundo nem ha quem viva , nem ha quem dure. Quem tal dissera ! Não ha quem viva , porque a nossa vida he hum fingimento ; não ha quem dure , porque o nosso tempo he hum engano ; quem vive para morrer , não vive : quem dura para acabar, não dura : de tal maneira tira a mudança ás cousas a entidade , que não ha cousa , que tenha entidade, se está fogueita á mudança. He necessario logo para a duração ser duração , e para a vida ser vida , que a vida viva á eternidade , e que a duração não respeite ao tempo.

Ouçamos aquelle Principe, que soube melhor destas materias, porque só elle nos pôde dar as melhores provas. Falou Job em duas occasiões dos dias de sua vida, e disse desta maneira:

Job. c. 7.

n. 16. &

c. 17. n.

1.

Os meus dias não são nada : *Dies mei nihil sunt* :

os meus dias serão breves : *Dies mei breviabuntur*.

Já vem a implicação : ser breve, e não ser nada he implicação manifesta, porque o que he breve tem ser, o que he nada, não o tem. Pois se os dias de Job eraõ nada, como tinhaõ ser? E se tinhaõ ser, como eraõ nada? Se haviaõ de ser breves, como não tinhaõ nenhuma entidade? Não tinhaõ nenhuma entidade, porque haviaõ de ser breves : eraõ dias que haviaõ de acabar : *Breviabuntur*, pois eraõ dias que não tinhaõ ser : *Nihil sunt*. Assim lhe tirou a inconstancia a entidade, que na opiniaõ de Job não tinhaõ nenhuma entidade, porque os dominava a inconstancia.

Nem o que ha de acabar tem ser, nem o que não ha de durar tem duração, por isso a nossa vida he hum fingimento, por isso os nossos dias são hum engano. Sabeis qual he verdadeiramente a nossa vida? He aquella, que succede á nossa morte : como só esta vida tem eterna a duração, só esta vida tem verdadeira a entidade. Vio S.

João

João Euangelista no seu Apocalypse hum animal com des pontas muyto grandes: disselhe o Anjo, que lhe explicava aquelles mysterios, que aquellas des pontas eraõ des Reys, que naõ haviaõ ainda empunhado o sceptro: *Decem cornua, Apoc. e. que vidisti, decem Reges sunt, qui Regnum nondum ac-* ^{17.n.16} *ceperunt.* Se lerdes ao Abbade Ruperto na expõsição deste lugar, achareis que eraõ estes os Reys Persianos, Romanos, Gregos, e Assyrios, que tinhaõ florecido até o tempo do Euangelista S. João: *Qui usque ad Joannis tempora floruerunt.* ^{Rup.hic.} Entra agora a difficuldade: Se estes Reys tinhaõ já florecido, como diz o Anjo que naõ eraõ ainda chegados: *Qui Regnum nondum acceperunt?* E se naõ eraõ ainda chegados, como diz Ruperto que tinhaõ já florecido? Ha mayor implicação! Ser, e naõ ser saõ contradicoens: como podiaõ logo ser, e naõ ser estes des Reys? Direy: Haviaõ estes Reys sido para acabar? Pois naõ haviaõ sido para ser: a entidade, que acabou, naõ foy nunca entidade: a duraçãõ, que deyxou de ser, naõ foy nunca duraçãõ: *Qui Regnum non acceperunt.*

Affim he géral esta consequencia que naõ parece que exceptua nem ainda a vida mais felice. A mais felice vida, que houve no mundo, foy

a de Christo, e com isto ser assim, só quando S. Lucas o vio resuscitado, lhe chamou propriamente vivo. Esse mysterio tem aquelle texto dos

Actos dos Apostolos: *Quibus praeuit se ipsum vivum post passionem suam.* E antes que morresse não era vivo o Senhor? Vivo era, que se o não fora, não morrerá. Como logo lhe chama S. Lucas vivo só depois de resuscitado? Eu me não atrevera a dar a resposta, se a não achára em hum grande Expositor deste lugar. Christo teve duas vidas, huma mortal, que succedeo ao seu nascimento, (do temporal he que falo) outra eterna, que succedeo á sua morte: a vida, que succedeo ao nascimento, tiroulhe o ser a brevidade: a vida, que succedeo á morte, deolhe o ser a duração: *Ante mortalis vita mors potius erat quam vita*, diz Lorino, era dantes a vida mortal? Pois ainda que fosse de Christo não era vida: a vida, que succede á vida, he morte: a vida, que succede á nossa morte, essa he sómente a nossa vida.

Esta he a nossa vida verdadeira: isso nos estaõ prégando as linguas eloquentes daquelle fogo, isso nos estaõ persuadindo as vozes mudas daquelle silencio. Gritando nos estaõ mudamente que he a nossa vida huma sombra, que saõ os nossos dias hum engano: *Nihil enim sunt dies*

dies mei, porque tudo ha de vir a parar naquella nada: aquellas esperanças, que vâmente nos arrastaõ, aquellas vaidades, que nelciamente nos cegaõ, alli haõ de quebrar as suas ondas, alli haõ de achar os seus defenganos: *Ibi confringes* Job. c. 38. n. 11 *tumentes fluctus tuos*. Oh mundo cêgo! Oh mundo enganado! De que serve a tua belleza, se ha de vir a parar naquella fealdade? De que servem os teus gostos, se tem por fim aquelles horrores? De que servem as tuas pompas, se se haõ de converter naquellas cinzas? Isto he o que hoje nos persuade debayxo daquella pompa triste, e daquelle aparato funesto o nosso Serenissimo Principe, morto para o sentimento, mas vivo para a eternidade, e por isso só agora se chama vivo, quando nós o choramos morto: *Non moriar, sed vivam*.

Outro fundamento tem o nosso Principe para nos prometter na sua duraçãõ perpetuidades: *Nom moriar*, e he ser o Principe, que trouxe mais a morte na memoria. Assim consta da sua vida, e assim o testimunhaõ as suas acçoens; taõ registado viveo sempre, como se naõ fora Principe soberano, senaõ hum Religioso muy reformado; andando ordinariamente aos sceptros avinculados os descuidos, assim viveo taõ vigilante,

lante, assim andou taõ lembrado daquella hora, em que se lhe haviaõ de pedir contas , que a sua vida vinha a ser esta lembrança : daqui poderá ser que nascessem as tristezas taõ continuas , e aquellas musicas taõ continuadas, com que procurava aliviar as suas tristezas. Pois Principe , q̃ assim se lembrava de morrer , bem podia assegurar-nos que não havia nunca de acabar.

Ahi não ha remedio para fugir á morte, e se póde haver algum , he sómente a sua memoria. Sendo a morte o mayor inimigo da vida , em nenhuma cousa se acha melhor a perpetuidade da vida , que na lembrança da morte: a causa do nascer, disse Tertulliano, he a fórma do acabar :

Tertul. Forma moriendi causa nascendi est. Profunda , mas verdadeyra sentença , porque nenhuma cousa nos conserva melhor naquillo que sómos , que o cuydado do que havemos de vir a ser. Não há meyo mais efficaz para estender a duração , que acabar na memoria : he a nossa vida huma flor , que tem a morte por fructo , mas com tal singularidade , que sendo ordinariamente todos os fructos a destruição das suas flores , só esta flor não póde durar sem o seu fructo.

Quando Deos creou a Adão immortal, a primeyra cousa, que fez para lhe conservar a im-

mor-

mortalidade, foy porlhe a morte na memoria :

In quacumque die comederis ex eo , morte morieris. Gen. c.

Muyto foy que Deos quizeſte unir áquelle eſta-^{2. n. 17.}
do tão venturoſo huma lembrança tão triſte.

Cria Deos a Adaõ no eſtado da immortalidade ,
e encõmendalhe que não ſe eſqueça da morte ?

Sim , diz S. Baſilio de Seleucia. Encõmendou <sup>D. Baſil.
de Seleu.
hic.</sup>
Deos a Adaõ naquelle eſtado eſta lembrança :

Morte morieris , porque ſó eſta lembrança podia
conſervar a Adaõ naquelle eſtado. Conſidereſe
Adaõ morto , e logo ſe conſervará immortal ,
porque a officina da vida he a memoria da
morte. Quem ſe conſidera morto , fazſe eterno.

Oh admiracão! oh prodigio! Que ſendo a morte
o mayor inimigo da vida , ache a vida a mayor
conſervação na mayor inimizade ! Affim he ;
fenaõ vede vós o que fez o demonio para fazer
mortal a Adaõ : Deos para lhe conſervar a im-
mortalidade lembroulhe a morte : *Morte morie-* ^{Gen. c.}

ris , e o demonio fello eſquecer da morte para ^{3. n. 4.}
lhe deſtruir a immortalidade : *Nequaquam morie-*
mini. Como ſe differa aſtutamente o demonio :

Se na lembrança da morte conſiſte a perpetui-
dade da vida , eu lhe tirarey a Adaõ eſta lem-
brança , e logo ſe lhe acabará a immortalidade :
falohey perder a lembrança de morto : *Nequaquam*
moriemini-

moriemini, e logo o porey no estado de mortal. Ainda mal porque assim o discursou, e porque assim succedeo!

Aos sepulcros chamou S. Basilio centro da vida, e á morte porta da immortalidade: *Docuit mortales immortalitatis januam esse mortem, & de sepulchro vitam erumpere.* Não devia de falar S. Basilio do que eraõ os sepulcros na sua realidade, se não do que eraõ os sepulcros na nossa consideração. Hum sepulcro aberto he casa da morte, hum sepulcro considerado he a officina da vida: *Et de sepulchro vitam erumpere.* E a razão he, porque quem considera na morte, não pecca: *Recordare novissima tua, & in aeternum non peccabis*, diz o Espiritu Santo: quem não pecca he justo, quem he justo, ainda que a morte o leve, não acaba: *Non moriar, sed vivam.* Verdade he que aos justos, e aos peccadores leva a morte, mas com esta differença, que a morte dos justos he vida: *Non moriar*, a dos peccadores he morte: a morte dos justos he porto, a dos peccadores naufragio: a morte dos justos he absolvição, a dos peccadores castigo: a morte dos justos he sono, a dos peccadores desvello. Dormem os justos na morte, porque até então vigiáraõ: vigiaõ os peccadores, porque até então dormiraõ: os justos

tos dormem para descansar, os peccadores despertaõ para padecer : a morte dos justos he limite de desterro, a dos peccadores he desterro sem limite : a morte dos justos he preciosa a pouco custo, a dos peccadores he custosa sem nenhum preço : he a morte dos justos preciosa a pouco custo, porque custa pouco, e val muyto : he a morte dos peccadores custosa sem nenhum preço, porque custa muyto, e naõ val nada. A morte dos justos he segurança, a dos peccadores ruina : a morte dos justos he victoria, a dos peccadores batalha : a morte dos justos he triaga, a dos peccadores veneno : a morte dos justos he o nascimento da vida, a dos peccadores he o principio da morte : finalmente a morte dos peccadores he pena de culpa, a dos justos nem he culpa, nem he pena ; naõ he culpa, porque naõ desmerecem, naõ he pena, porque descansão. E se aos justos lhe traz a morte todas estas felicidades, naõ he morte a morte dos justos : *Non moriar, sed vivam*, serã morte na apparencia, mas he vida na realidade : tudo disse o Espirito Santo : *Iustorum animæ in manu Dei sunt, & non tan-* Sap. c. 3.
get illos tormentum mortis: visi sunt oculis insipientium n. 1.
mori; illi autem sunt in pace. Imagina o mundo, que os justos morrem (diz o Espirito Santo) e
 C he

he hum engano do mundo , porque ainda que os veja cortados da morte , he effe golpe mézinha , he effa pena refrigerio , e effe tormento descanzo : *Visi sunt oculis insipientium mori ; illi autem sunt in pace.*

Naõ acaba na morte a vida dos justos , porque os justos na vida se naõ esqueçeraõ da morte. Eis-ahi o interesse, que nos trazem estas lembranças, e eis-ahi a razão, que tem o nosso soberano Principe para nos dizer que naõ acabára , quando morrera: *Non moriar, sed vivam.* O dia da nossa morte na realidade ha de ser só hum , mas na representação podem ser todos , quantos são os dias da nossa vida. Oh se affim fora! Mas ainda mal, porque nem ainda á vista daquelles desenganos nos passará pela imaginação este dia ; porém se algum hora mereçerá grande castigo o nosso descuido , se algum hora naõ terá nenhuma desculpa a nossa cegueira, será só hoje. Hoje, q vemos ter jurisdicaõ a tyrannia da morte no melhor Rey , e na melhor vida, quem naõ abrir os olhos para o desengano , que desculpa póde ter ?

Nenhuma desculpa tem a incredulidade , quando tem contra si a experiencia : he a queyxa, que Christo tinha dos Judeos: *Si veritatem dico vobis ,*

vobis, quare non creditis mihi? dizia o Senhor aos principaes de Jerusaleem. Homens, se vedes com vossos olhos o que vos persuadem as minhas razoes; se as minhas verdades estaõ provadas cõ tantas maravilhas, porque naõ credes as minhas verdades: *Quare non creditis mihi?* Isto dizia Christo aos Judeos, e isto nos dizem hoje aquellas cinzas. Mortaes, se nestas cinzas se haõ de converter as vossas grandezas, se nestes desenganos haõ de vir a parar as vossas esperanças, se a estes horrores haõ de ter por fim os vossos gostos, que vem a ser os vossos gostos, mais que huma mentira, que vem a ser as vossas esperanças, mais que huma sombra, que vem a ser as vossas grandezas, mais que hum engano? Estes desenganos nos daõ, estas verdades nos dizem as mudas vozes daquelle Prégador que alli vedes, e naõ sey se com a mesma queyxa de Christo: *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?* Assim somos incredulos, como se naõ foramos mortaes; assim andamos descuidados, como se houvessemos de ser eternos; imaginamos que naõ ha de chegar nunca aquella hora, que pôde ser amanhã, grande cegueyra! *Tu autem non putabas* (dizia Seneca) *te aliquando non esse perventurum ad id, ad quod* Senec. de brevitare vitæ. *semper ibas?* Vinde cá cegos, imaginais que naõ

ha de chegar algum hora aquelle termo, para donde caminhais cada dia: *Ad id, ad quod semper ibas*? Oh vivamos muyto desta consideração, se queremos fugir a nossa ruina: grande delgraça será acharnos a morte, antes que nós a bulquemos; porque só quem na vida morre com a memoria da morte, encontra na morte com a verdade da vida. Melhor he o dia da morte, que o dia do nascimento, diz o Ecclesiastico: *Melior est dies mortis die natiuitatis*. E se a natureza andou taõ escaça comnosco, que dandonos tantos dias para viver, nos deo hum só para acabar; na nossa mão está o emendarmos a natureza, fazendo com a consideração, como o fazia o nosso soberano Principe, dias da nossa morte todos os dias da nossa vida, porque só assim os faremos nossos dias: serão nossos, porque serão dias da eternidade: serão nossos, porque serão dias de vida: *Non moriar, sed vivam*.

Tem o nosso Serenissimo Rey D. Manoel para não acabar com a morte dado duas razoens pela sua parte: elle nos dará licença para nós darmos agora huma pela nossa. *Non moriar*: Não ei de morrer. E isso porque, Principe soberano? Porque ainda que eu acabe á minha vida, não hei de acabar á vossa lembrança. Terá a morte

morte jurisdicção para me fazer acabar; mas não terá jurisdicção para me fazer esquecer, e em quanto eu não sou esquecido, não sou morto. Oh como vos enganais, como vos enganais aquelles, que tratais só de viver ao tempo; porque não terá a morte poder para sepultar a vossa vida, se o não tiver para sepultar a vossa memoria! Quiz Isaias chorar a morte de hum justo, e disse assim: *Perit justus, & non est qui recogitet*: Acaba ^{Isai. c.} o justo, e não há quem se lembre. ^{57. n. 1.} Notavel queyxa! E para que nos havemos nós de lembrar do justo, que acabou? Se o que morreo fora peccador, bem era que nos lembrassemos delle para o aliviarmos com nosos suffragios, para o socorrermos com nossas oraçoens; mas ao justo de que lhe servem as nossas memorias? Está achada a razão da queyxa; o que aqui chorava Isaias era a morte do justo: *Perit justus*: e como a sua morte não estava tanto em o justo acabar á vida, como em acabar á lembrança, para o chorar morto chorou-o esquecido; dissenos que nos não lembrava para nos dizer que morrera. Como o nosso esquecimento era só a sua morte, para Isaias lhe chorar a morte, choroulhe o esquecimento: *Et non est qui recogitet*. Não morre quem morre; morre quem esquece: pouco em-

D. Amb.
orat. de
obitu
Theod.

emporta para acabar o levar a morte aquella vida , cuja duração fica perpetuando a lembrança : *Recessit à nobis , sed non totus recessit* , disse o S. Arcebispo de Milaõ nas honras do seu Emperador Theodosio. He verdade, ó Emperador soberano , que vos roubou a morte aos nossos olhos , mas não vos roubou ás nossas saudades , e por isso não vos roubou a morte : *Non recessit*. Vivos , e lembrados , tudo são vivos ; mortos , e esquecidos , tudo são mortos. E se esta proposição he verdadeyra, oh quantos vivos sem alma , oh quantos mortos com vida se encontraõ no mundo a cada canto com escandalo da razaõ , e queyxa da natureza ! Quantos juizos , sem ter uso de razaõ , faz a semrazaõ ter uso ; e quantos talentos estaõ enterrados no sepulcro do esquecimento , que podéraõ estar postos sobre os altares da fama ! Que haja o ignorante de ter mais vida , porque teve mais entrada , e que o entendido , porque teve menos dita , esteja na sepultura ! Que não lhe baste á ignorancia ter a ventura de viver sem pena , senão tambem a de parecer que vive sem culpa ! Que seja lembrada , porque he entremetida , e que o merecimento se sepulte , porque se afasta ! Grande injustiça dos tempos ! Grande semrazaõ do mundo !

Estes

Estes milagres fazem a lembrança , e mais o esquecimento ; a lembrança resuscita os mortos, o esquecimento enterra os vivos. Se o esquecimento enterrára os vivos , que eraõ indignos de viver , e a lembrança resuscitára os mortos , que não deviaõ nunca acabar , bem estivera eu com estes milagres ; mas que se troquem as fortes , porque se trocaráõ as ditas : que se enterre o que serve ao mundo de ornato , e que se desenterre o que serve ao mundo de escandalo! Oh que escandalosos milagres!

Ninguem como o nosso Principe , e Serenissimo Rey D. Manoel de gloriosa memoria fez estes enterros, e estas resurreyçoens com tanto acerto. Lease a sua Cronica , e apontese nella a quem deo o cargo, que lhe faltasse o merecimento. Digaõme quem houve no seu tempo com partes conhecidas, que as chorasse sepultadas? Nomeem-me que valia acabou algum hora com este soberano Principe, que sepultasse o valor, ou que valor necessitou de alguma valia para com este grande Monarca? Justo he logo que hum Principe, em cuja memoria viveo sempre o merecimento, que não acabe nunca o seu merecimento na nossa memoria, para que ainda quando o choramos morto, nos possa dizer

zer que está vivo : *Non moriar, sed vivam.*

Naõ hey de acabar , mas hey de viver : *Non moriar, sed vivam.* Estas duas palavras parece que tem huma superflua. Senaõ vejaõ : Quem naõ morre , vive : he proposição evidente. Para que nos diz logo o nosso Principe, que ha sempre de viver : *Sed vivam* , depois que nos certifica que naõ ha nunca de acabar : *Non moriar?* Se com dizermos que naõ havia de morrer, nos dizia tudo, se com as izençoens da morte nos segurava as perpetuidades da vida , para que he necessario explicarnos que naõ havia de acabar á vida , depois de nos ter persuadido , que o naõ havia de acabar a morte? Respondo : Os Principes tem duas vidas , por isso faz em si menção de duas vidas o nosso Principe : *Non moriar, sed vivam.* Tem huma vida, com que vivem ao tempo; tem outra vida, com que vivem ao officio. E tendo duas vidas os Reys, muytos ha, que naõ vivem com nenhuma. Naõ vivem ao tempo, porque naõ vivem como mortaes ; este foy Nabuco : naõ vivem ao officio , porque naõ vivem como Reys ; este foy Saul.

Oh Rey D. Manoel glorioso ! Oh Rey D. Manoel insigne ! Só vós perpetuastes as duas vidas, que vos deo a natureza , e a successaõ. Per-

petuou

petuou o nosso Principe a vida, com que viveo ao tempo, porque viveo ajustado com as obrigaçoens de mortal; perpetuou a vida, com que viveo ao officio, porque viveo ajustado com as obrigaçoens de Rey; e por isso a pezar da morte vive ainda hoje na fama. Qual imaginais que he o Principe, que mais vive (dexemos a vida do tempo, que saõ hoje as obrigaçoens muytas, e he o tempo limitado.) Qual imaginais que he o Principe, que mais vive no throno? Por ventura será aquelle, que mais dura? Naõ por certo; he aquelle, que melhor obra. Se o Principe naõ faz aquillo, para que tomou o sceptro, he a sua vida hum fingimento, he a sua existencia hum engano. Tornemos a dar outra volta áquella visã do Apocalypse, que me ouvistes ponderar depois. Já me ouvistes dizer depois, que aquelle animal das des pontas, que vio S. Joaõ na Ilha de Patmos, eraõ os Reys da Persia, de Roma, da Grecia, e da Assyria, que haviaõ florecido até o seu tempo: *Qui usque ad Joannis tempora floruerunt.* Apocal. ubi sup. Torno agora a perguntar. Se estes Reys haviaõ já florecido, como diz o Anjo a S. Joaõ que ainda naõ floreceraõ: *Decem Reges sunt, qui Regnum* Caet. hic *nondum acceperunt?* Tinhaõ estes Reys já florecido, (diz Caetano) porque na realidade já tinhaõ

impugnado o sceptro; não tinhaõ florecido ainda , porque haviaõ faltado às obrigaçoens de seu cargo ; e os Reys , que não procedem como devem , ainda que cheguem ao throno como mortaes , não chegaõ ao throno como Reys; he a sua duração hum fingimento , he a sua vida hum engano : *Regnum nondum acceperunt*. A natureza do Rey em quanto Rey he o seu officio , e como o seu officio he a sua natureza , o mesmo será no Rey o não obrar , que o não ser. Là explicou hum hora São João aos Judeos o que era pelo que fazia : *Ego vox clamantis in deserto*. Pois se o Bautista sendo só hum ministro entendeu que o seu ser era a sua obrigação , como podem dizer que saõ , como podem dizer que vivem os Principes, que não fazem aquillo que devem? Reys foraõ os Reys de Persia , os da Affyria , os da Grecia , e os de Roma, mas no juizo de hum Anjo o mesmo foy faltarem à sua obrigação , que faltarlhe a sua existencia ; por isso explicando ao Euangelista aquelles segredos, unio nestes Principes as execuçoens da sua vinda com as esperanças da sua chegada ; haviaõ chegado como mortaes , mas não haviaõ chegado como Reys : *Decem Reges sunt , qui regnum nondum acceperunt*. Como se dissera o Anjo: Chegáraõ, e não che-

Joan. c.
1. n. 6.

chegáraõ estes Reys ; chegáraõ , porque na realidade já tiveraõ o mando ; não chegáraõ , porque assim se houveraõ no governo , como se os não governára a razaõ.

Graças a vòs, Senhor, que só dos Reys, que dais a Portugal, podemos dizer que são Reys , e que são eternos ; são Reys , porque vivem ajustados à sua obrigação ; são eternos , porque ainda que os roube a morte aos nossos olhos , ficaõ sempre nas nossas lembranças. Mas entre todos os Reys passados de Portugal , a nenhum convém melhor a verdade desta proposição , que ao nosso Serenissimo Rey D. Manoel , cuja memoria não poderá acabar nunca nem o verdugo dos annos , nem o silencio dos seculos. Chore embora a Roma , chore a Persia , chore a Assyria , e chorem finalmente os mais Reynos do mundo o faltarem aos seus Principes a vida de Reys: *Qui Regnum non acceperunt* , que Portugal teve no nosso soberano Principe hum Monarca taõ superior a toda a grandeza , que não houve hora , em que não vivesse com a vida de Rey , porque não houve hora, em que não fosse perfeyto Monarca.

Testemunhe-o a fama, que ella só , e não sey se ainda a fama pòde falar em suas acçoens.

Faria in
Epit. p. 3
c. 15. n. 7

Testemunhe-o o zelo da Fè, com que fez dilatar o Evangelho pelos mais remotos climas. Testemunhe-o aquella reformação de costumes, em que poz ao seu Reyno, e não só ao seu, senão aos estranhos. Ao Papa Alexandre, que então governava a Igreja, avizou por seus Embayxadores, com hum valor sem igual, do descuydo, com que se vivia em Roma, que elle ouviu, e emendou. Testemunhe-o aquella igualdade de justiça, que fez guardar nos tribunaes, assistindo pessoalmente ás resoluçoens de mayor porte. Testemunhe-o aquella affabilidade de pay, com que tratava os vassallos: aquelle amor, e aquelle respeito, que teve às Religioens, e às Igrejas, izentando-as a todas de tributos, e enriquecendo-as com donativos. Testemunhe-o sobre tudo a sua vida, os jejuns continuos, as penitencias asperiffimas, que mais pareciaõ de hum Cartuxo, que de hum Rey, acçoens todas, que lhe perpetuáraõ, e haõ de perpetuar na fama assim a vida, que lhe deo a natureza, como a que lhe deo a successão, ambas duraõ ainda hoje, porque ambas vivem, e haõ de viver na nossa memoria: *Non moriar, sed vivam.*

Naõ acabou tambem o nosso Principe à duração dos tempos, porque na sua morte ficou

vivo

vivo na posteridade dos filhos, e vive ainda hoje na successão gloriosa dos descendentes. Não sey Rey de Portugal, a quem devamos mais successores, que ao nosso Serenissimo Rey Dom Manoel. Treze filhos teve, que cada hum delles por filho de tal pay podéra governar hum mundo. Da Rainha D. Isabel, que foy a sua primeyra esposa, viuva infelicemente do Principe Dom Afonso, teve o Principe Dom Miguel, flor que nos cortou a tyrannia da morte nas primeyras auras da vida. Da Rainha D. Maria filha dos Reys Catholicos teve o Principe Dom João, q̄ lhe succedeo na Coroa, igual ao pay no valor, na fortuna, e nos merecimentos. A Princesa D. Isabel, mulher que foy depois do Emperador Carlos V. cuja sorte, sendo taõ grande, foy ainda menor que a virtude. A Infante Dona Brites, mulher de Carlos terceyro Duque de Saboya, em quem foy a formosura igual às partes, e as partes mayores que toda a grandeza. O Infante Dom Luis Duque de Beja, Principe dotado de tantas virtudes, que foy o emprego da admiracão, o mimo da ventura, e a lisonja da fama. O Infante Dom Fernando taõ conhecido pela realeza do animo, como pela formosura da pessoa. O Infante Dom Affonso Cardeal, e Arcebispo

bispo de Lisboa , em quem se unirão com tanta eminencia as soberanias de Principe com as obrigaçoens de Prelado , que como se fora hum Cura particular, ministrava pela sua mão os Sacramentos às suas o velhas. O Infante Dom Henrique tambem Cardeal , e Arcebispo , que succedeo depois no Reyno, quando Portugal nos campos de Africa entre inundaçoens de sangue tão illustre sepultou as esperanças mais infelices. O Infante Dom Duarte, que casou com a Serenissima Senhora D. Isabel filha do sempre grande , e inclyto Principe Dom Jayme , digna esposa de tanto Principe , tão justificado na vida , como mostrou depois a sua morte. A Infante D. Maria, e o Infante D. Antonio morreraõ de poucos annos , que como eraõ flores na belleza, foraõ-no tambem na duraçaõ. Da Rainha D. Leonor teve o Infante D. Carlos , que merecendo por filho de tal pay viver eternamente à fama , durou muy pouco na vida. A Infante D. Maria , que sendo rara no juizo , e na formosura , morreo castissima donzella de 57. annos de idade , deyxandonos tantas saudades , quantas eraõ as suas virtudes.

- Oh filhos dignos de tal pay! Oh pay merecedor de taes filhos! Como se ha de dizer logo que acabou

bou à vida do tempo quem ficou tão vivo na posteridade dos filhos, e o está ainda hoje na successão dos descendentes, com que os Imperios se governaõ, e o mundo se autoriza? Não chamou morto o Espiritu Santo àquelle Varaõ, que deyxou hum descendente, que o imitava nas partes: *Mortuus est pater ejus, & quasi non est mortuus; similem enim reliquit sibi post se.* Pois se a este ^{Eccles. e. 30. n. 4.} Varaõ insigne bastou hum descendente, que o imitasse nas virtudes para não acabar à duraçaõ: *Quasi non est mortuus*, como havemos nós de dizer do nosso Principe que acabou à duraçaõ, deyxando tantos filhos, e tendo ainda hoje tantos descendentes que o imitaraõ, e o imitaõ nas partes? Chamem embora os outros Principes, a quem faltou a posteridade, morte á sua vida, que o nosso soberano Principe, porque viveo, e vive hoje na posteridade de seus descendentes chama vida á sua morte: *Non moriar, sed vivam.*

E quando para eternizar o nosso Rey glorioso não bastáraõ os descendentes, com que o melhor do mundo se governa, bastáraõ os feytos admiraveis de que o mundo todo se affombra. Diga-o a terra toda desde donde nasce até onde morre o dia: desde a Libia ardente até o gelado Ponto, aonde não houve parte, que não visse

nua a sua espada , ou pelo menos que não ouviſſe os eccos de ſuas victorias. Diga-o o mar Oceano , cujas ondas respeitárao tanto as ſuas armadas , ou temeroſas , ou reverentes. Diga-o a Aſia , aonde ſogeiou tantos Reys , dominou tantas Provincias , e reduzio tantas almas , arvorando os eſtandartes da Fè ſobre os muros da gentilidade. Diga-o a America , cuja grandeza ſogeiou ao ſeu Imperio a pezar dos riſcos das tormentas , e das fortunas. Diga-o a Africa nos ſitiosporfiados de Arzila , aonde desbaratou o Rey de Fez vindo a conquiſtalla com cento , e cincoenta mil homens , deyxando a muytos ſem vida , e a todos ſem eſperanças. Diga-o finalmente a Europa , a quem teve ſempre ſuſpenſa a fortuna de ſuas armas , o valor de ſeu braço , e a ſoberania de ſeu juizo.

E melhor que eu o differaõ hoje , ſe poderaõ reſuſcitar , os que foraõ testemunhas de viſta , e instrumento deſtas façanhas. Hum Vaſco da Gama na conquista das Ilhas de Mombaça , de Goa , e de Melinde : no deſcobrimento do Malabar , de Calecut , de Cananor , de Cranganor , de Cochim , e de Coulaõ. Hum Joaõ da Nova , que nos mares Aſiaticos desbaratou com pouca força em naval conſtiõto as armas barbaras do Perſiano ,

fiano, conquistou a Ilha da Conceição, e a de Santa Elena tão celebrada da fama por sua grandeza, como por sua fertilidade. Hum Afonso de Albuquerque, cujas proezas não cabem em todo hum mundo. Hum Antonio de Saldanha na expugnação de Socotorá, e da Republica de Brava, que rico de despojos, e mais da fama fez feudatarias ao nosso Principe tantas Provincias. Hum Lopo Soares, que com treze baxeis pequenos desbaratou todo o poder do Samorim nos mares do Cranganor, que ainda hoje tintos em sangue testimunhaõ a gloria deste triumpho. Em Panadrante desfez vinte fustas d'ElRey de Calecut com perda de tantas vidas, e terror daquellas aguas. A Zeila Cidade populosa da Ethiopia desfez em cinzas, assombrou a Arabia, e sogeitou a Columbo. Hum Antonio Correa, que a favor d'ElRey de Ormuz rendeo a Ilha populosa de Baharém, ficandolhe depois por appellido illustre esta victoria admiravel. Hum Dom Duarte de Menezes gloria da fama, e açoute da Asia. Hum Duarte Pacheco mais cheyo de coraçoes, que de riquezas, cujas façanhas estaraõ eternamente escritas nos annaes da admiração, e nos bronzes da immortalidade.

Oh Varoens illustres! Oh Varoens insignes!

E

rayos

rayos verdadeyramente daquelle Sol resplandecente, e Rey Serenissimo Dom Manoel, para cujo valor foy o mundo todo pouco theatro. Vossos eraõ os golpes, mas seus os triunfos, porque ainda que vós obraveis as façanhas, elle ministrava as influencias. Bem pôde dizer cada hum de vós com este grande Principe : *Non moriar, sed vivam*: não nos acabou a morte, porque o que nos outros he natureza, em nós foy roubo: roubounos a vida, não no la tirou. Esta grande differença se dá entre o que se leva por roubo, e o que se leva por divida, que no que a mim me levaõ por divida fico perdendo a possessão, e mais o dominio; e no que me levaõ por roubo, não perco o dominio, ainda que perca a possessão. Porque se ha de dizer logo que perdéraõ a vida aquelle Rey valoroso, e aquelles Capitaens insignes, que merecéraõ viver por toda a eternidade! Nós morremos por divida, elles morréraõ por roubo, que lhe fez a morte, e por isso não morréraõ, porque ainda que faltáraõ por existencia, ficáraõ vivos por merecimentos. Esta graça tem o merecimento, que faz as cousas mais de quem as merece, que de quem as logra. Hum bem merecido, que he juntamente logrado, não he taõ proprio por logrado, como he

he proprio por merecido. Lograr sem merecer não he lograr: merecer, ainda que seja sem possuir, este he o verdadeyro lograr.

Lograva Faltiel a Micol, que a violencia de Saul tinha roubado a David; todos sabem a historia: prometéra ElRey Saul a David pela morte do Filistheo a sua filha Micol; e como o premio andou sempre a fugir dos benemeritos, e a buscar os indignos, merecendo a Micol David, em odio seu a deo Saul a Faltiel. Morreo o Rey, e pedio David a Isboset seu filho a restituição de sua esposa com estas palavras, que são muy dignas de reparo: *Redde uxorem meam Michol,*

2. Reg. c.
1. n. 14.

quam despondi mihi centum praeputijs Philisthiim. Principe, dayme a minha esposa Micol, que eu mereci com o valor deste braço. Dayme a minha esposa Micol, estranho modo de dizer! Micol naquelle tempo não estava casada com Faltiel? Não a tinha em seu poder? Não era todo o emprego da sua affeyção? Assim consta da Escriitura. Pois se Micol era esposa de Faltiel, porque lhe chama esposa sua David: *Uxorem meam?* Sabem porque? Porque ainda que Micol estava em poder de Faltiel, ainda que era de Faltiel lograda, era de David merecida: *Quam despondi mihi centum praeputijs Philisthiim*, e achava David

que com mais justo titulo era Micol sua por merecida, do que de Faltiel por lograda. Faltiel tem a posse, David o merecimento, mas o dominio sobre Micol não o tem a posse de Faltiel, senão o merecimento de David: *Uxorem meam Michol.* Donde se segue com evidencia, que para ser nosso qualquer bem, emporta pouco que o roube a desgraça, se o assegura o merecimento. Passa isto assim em todos os bens da vida, e se a vida entre todos he o mayor bem, porque se não entende tambem da vida a verdade desta proposição? A quantos, a quantos podéraõ dizer o nosso Rey glorioso, e tantos Varoens insignes da sua vida, o que disse David ao Principe Isbofet da sua esposa: *Da mihi uxorem meam: da mihi vitam meam:* day cá essa vida, que ainda que he vossa por posse, he minha por merecimento: day cá essa vida, que malograis, e deyxay-a ter a quem a merece. Roube logo embora a morte o nosso Rey aos nossos olhos, que o que lhe rouba a morte, lhe da o merecimento: merecia viver a todo hum mundo, e por huma eternidade, e por isso nos assegura que he sua a vida, quando lhe choramos a morte: *Non moriar, sed vivam.*

Vedes ao nosso Rey invicto dominar os mares,

res, e senhorear o mundo ; pois passay da guerra para a paz, e em ambas o vereis sempre grande, sempre insigne. Que terra ha no nosso Reyno, que não chore ainda hoje suas memorias em agradecimento de seus beneficios. Ponde os olhos por todo Portugal, e apenas achareis Cidade, ou Villa, aonde não ouçais os eccos de sua grandeza. Os Hospitaes mais opulentos, e os templos mais insignes obras foraõ da sua mão liberalissima para os Vassallos, e muyto mais para o Senhor: mais de cincoenta saõ as Igrejas, que de novo edificou para Deos ser nellas louvado, e engrandecido. Diga-o(deyxando outras muytas que não conto) em Thomar o magnifico templo da Ordem de Christo; nesta Cidade o de Belém, obras verdadeyramente admiraveis pela fabrica, e insignes pela grandeza. Diga-o, que melhor que todas o pôde dizer, esta santa Casa, que fundou, e enriqueceo com tanta liberalidade, como testimunhaõ as acçoens de cada dia: os dotes, com que assiste ás orfans: o dispendio, com que cura os enfermos, enterra os mortos, defende os innocentes, e remedeia os necessitados.

Pois hum Rey, que assim vive pelas obras, como se ha de dizer, que na morte acabou a vida?

da? He, parece, a razão, que teve David para dizer, que não havia de acabar: *Non moriar, sed vivam, & narrabo opera Dñi*; eu não hei de acabar nunca, diz David, porque ainda que falte à vida, hei de viver pelas obras, que fiz ao Senhor. Estas obras, de que aqui falla David, além de outras, que foraõ muytas, e grandes, são os serviços, que fez a Deos, sendo Rey, na preparação do seu templo, e na destruição de seus inimigos; chamalhe obras do Senhor, porque foraõ feytas em virtude do seu braço, e consagradas á grandeza de seu nome. Pois essa he a razão, que tem David para se prometter na vida perpetuidades? Essa he a razão; hum Rey, que para Deos prepara hum templo, e destroe os inimigos de Deos, ainda que a morte o roube, não o acaba. Pois se a destruição dos inimigos de Deos, e a preparação de hum só templo perpetuaõ a vida a ElRey David, porque não perpetuarão ao nosso Serenissimo Rey D. Manoel a vida tantos inimigos de Deos destruidos, e para Deos tantos templos fabricados?

Affim he, Rey Serenissimo, e Principe glorioso, não se pòde dizer de vós que morrestes, nem que acabastes: não morrestes, porque passastes para melhor Reyno, e para mayor descanso:

ço:

ço : não morrestes , porque nas lembranças da morte segurastes as perpetuidades da vida : não morrestes , porque ainda que faltais aos nossos olhos , viveis nas nossas lembranças , e vivereis eternamente nas saudades desta santa Casa: não morrestes , porque dilatastes a vida na posteridade gloriosa dos descendentes illustres , com que o melhor do mundo se governa ainda hoje de presente , e se ha de governar pelos seculos futuros : não morrestes , porque ainda que vos roubou a morte , estais vivo nas façanhas , que estão escritas no livro grande de hum mundo inteiro: *Non moriar , sed vivam , & narrabo opera Domini.* Não morrestes finalmente , porque ainda hoje debayxo desse tumulto nos estais ensinando o como havemos de viver , se não quizermos nunca acabar.

Caducos Soes , mentidas grandezas , soberanias humanas, ouvi o vosso Principe, ouvi-o, que entre aquellas tristes sombras está clamando pelas vossas melhoras. Acabay de defenganarvos , e aprendey dos rayos daquelle Sol amortecido , que mais cedo , ou mais tarde aquelle ha de ser o vosso termo , aquelle o vosso occaso. Vede o que fará a morte em vòs, senão perdoou áquelle Rey Serenissimo , cuja vida merecia eternizada

no mundo, como o está na memoria. Os mortos morrem para si, para o mundo, e para nós; morrem para si, porque acabaõ; morrem para o mundo, porque o deyxãõ; morrem para nós, porque nos ensinaõ. Oh aprendamos, aprendamos desta liçaõ o que mais nos emporta, já que nos não movem as persuasoens, movãõ-nos as evidencias.

Poderosos, Grandes, Monarcas, que fazeis? Que vos engana? Se o valor, alli tendes o Rey mais valeroso. Se a sabedoria, alli tendes o Rey mais sabio. Se as riquezas, alli tendes o Rey mais opulento. Se o amor, alli tendes o Rey mais amado. Se a discricãõ, alli tendes o Rey mais discreto. Tudo desappareceo em hum instante, tudo cortou a morte de hum golpe. Duro golpe, que por tudo corta, cruel verdugo, que a nada perdoa. He a justiça da morte a mais igual, mas tambem he a mais deshumana: he a mais igual, porque a todos leva; he a mais deshumana, porque nada deyxã: ainda a justiça da morte parece mais rigorosa, que a justiça de Deos. Quando Deos mandou cortar aquella arvore, que significava o Imperio de Nabuco, advertio o Anjo, que da parte de Deos a mandou cortar, que assim se cortassem as ramas, que se per-

perdoasse às raizes : *Succidite arborem, & præcidite ramos ejus; verumtamen germen radicum ejus in terra finite.* Dan. c. 4. n. 11. Esta he a justiça de Deos, perdoa ás raizes, quando corta as ramas; mas a justiça da morte a nada perdoa, porque tudo corta. Na arvore de nossa vida não tem privilegio contra a morte nem a fortaleza do tronco, nem a formosura dos ramos, nem a profundidade das raizes.

Esta verdade escreve o tempo no pó da terra, de que todos fomos compostos. Alli escreve tambem indispensavelmente que os grandes, e os pequenos não dão passo, que os não leve a ser o que os espanta, e a abraçar o que desprezaõ. Na estatua de Nabuco eraõ os metaes diferentes para a composição, mas não o foraõ para a ruina: veyo a pedra da morte, e derrubou o ouro, e mais o barro com tão pouco respeyto, que havendo dantes tanta differença nas entidades, não houve depois nenhuma differença nas cinzas: o ouro, e mais o barro, que unidos eraõ tão desiguaes, foraõ o mesmo desfeytos. Se não crerdes esta verdade, abrimo estes sepulcros, que levantou a vaidade fabricados do porfido sobre os hombros de leões rompentes, authorizados com epitafios magnificos, e dizeyme em que se differençaõ as cinzas do ouro, que

nelles se sepultou, das cinzas do barro, que se enterrou no adro sem campa, e sem letreiro? Pois se estes somos todos, que nos cega? Que nos engana? Oh abramos os olhos para ver estas verdades, e para abraçar estes defenganos: acabemos de nos resolver, que são as nossas grandezas huma sombra, que são as nossas vaidades huma mentira, e que a nossa vida verdadeyra não he aquella, com que vivemos ao tempo, senão aquella, com que havemos de viver com Christo á eternidade, como em premio de merecimentos tão illustres vive, e vivirá o nosso Principe glorioso: *Non moriar, sed vivam.*

L A U S D E O,

Virgini Matri, ac Magno P. Augustino.

